

CIDADELA ARCO-ÍRIS UMA LUZ QUE ALUMIA

Conceição Maia



A poucos quilómetros de Alenquer, em Abrigada, no sopé do Montejunto, encontra-se a Cidadela Arco-Iris.

«Foi em Einsiedeln que entendi, vendo do alto de uma colina a basílica e o que a rodeava, que devia surgir no Movimento uma cidade» – escreveu Chiara Lubich no seu Diário em março de 1967 – com «casas, locais de trabalho, escola, como uma qualquer cidade». Falava da sua experiência no Verão de 1962, na Suíça, quando teve a primeira intuição daquilo que hoje são as "cidadelas". Hoje, em todos os continentes, com características muito diferentes, existem 33 Mariápolis permanentes (como também são chamadas). Em Portugal, à medida que o

Movimento se desenvolvia, ia ganhando consistência o sonho de ter um centro de encontros, um Centro Mariápolis. Ainda nos anos oitenta, perante esta necessidade, o então Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, sugeriu que fosse na região Oeste.

Alguns anos depois, é posto à disposição do Movimento um terreno exatamente nessa região! Chiara fala numa cidadela futura... «porém, começamos pelo Centro Mariápolis...» – disse.

Na perspetiva da concretização do "sonho", nasce a "operação tijolo", as pessoas do Movimento

mobilizam-se com entusiasmo para conseguir dinheiro: trabalhos extraordinários, jantares de angariação de fundos, vendas de colchas de retalhos, pegas para a cozinha, doação de bens pessoais, etc.

Não tendo o terreno as características necessárias, em 1993, na Abrigada e através da irmã Madalena, abrem-se as portas de uma Casa do Instituto da Sãozinha para ser utilizada como Centro Mariápolis por um período de cinco anos. Recupera-se o edifício com a colaboração da Júlia e do Albano, de Vila Marim, que se disponibilizam com generosidade a ir para a Abrigada. Todos os fins-de-semana, grupos de jovens e adultos ali vão para trabalhar. Aventuras de ajudas pouco qualificadas, que, por vezes, mais desajudavam, mas onde o amor era mais forte... e a Providência chegava em materiais, cobertores, mobílias, «fiz parte da primeira equipa que, com a Teresa Guedes, foi com um camião a um quartel buscar as camas; éramos duas senhoras jovens para ir carregar camas de ferro para a casa... puseram um pelotão à disposição» – conta a Célia que, logo em 1994, veio viver para Abrigada juntamente com outra focolarina. Apesar do muito frio, em fevereiro desse ano foi possível realizar ali o

Arquivo MF





primeiro congresso dos voluntários. A presença na paróquia permitiu o relacionamento com muitas pessoas que conheceram o Movimento. Começaram os encontros de Palavra de Vida em vários lugares.

E passados cinco anos, são o padre Mário – que aderiu de coração à vida do amor recíproco – e as pessoas da Abrigada que servem de mediadores para a concretização da compra de um outro terreno. É o grande momento da concretização! Recuperada a casa dos caseiros, constrói-se a primeira casa, inaugurada a 8 de janeiro de 1999. «Foi um grande salto», «viemos para cá, apesar de não haver caminhos, havia muita lama, argila... não havia nada!... mas víamos com os nossos olhos e com a nossa alma o trabalho de Deus» – conta a Luce, que veio em setembro de 1994 para Abrigada, para o primeiro focolar.

Mas “as primeiras pedras”, as pedras vivas da Cidadela – como

Chiara os definiu – são o Heleno Oliveira, o primeiro focolarino brasileiro, que faleceu repentinamente em 1995, em Portugal, e uma gen 3, a Anabela Rebelo, que partiu para o Céu em 1991. E, efetivamente, foram-no! Daí em diante, outras pedras vivas se lhes juntaram, construtores que foram e continuam a ser da Cidade de Maria.

Em 2002 inaugura-se o Centro Mariápolis Arco-Íris com a presença do Cardeal Patriarca de Lisboa, D. José Policarpo e das autoridades locais que sempre apoiaram o projeto. Uma festa com todos, sublinhada pela mensagem de Chiara dizendo «que este Centro seja um sinal tangível da predileção de Maria pelo povo português».

A cidadela povoa-se de novos habitantes, novos focolares, um sacerdote, famílias e jovens. Em 2002, na esplanada, espaço onde antes tinha existido um pavilhão de pintos, faz-se o primeiro “1 de Maio”, com 600 jovens, que se repete regularmente e marca momentos decisivos na vida de muitos jovens que encontram um relacionamento com Deus, o divino presente entre “dois ou mais...”.

Com a generosidade e laboriosidade de muitos, é inau-

Página anterior: • Vista geral;
• Inauguração da Cidadela;

Ao alto: • Centro Mariápolis;
• Trabalhos na Cidadela.

gurado em 2005 um Centro de Reabilitação, com várias valências de apoio à população local. Inspirados na Economia de Comunhão, os empresários dão vida ao Pólo Empresarial Giosi e em 2010 estabelecem-se empresas que apostam na esperança mesmo em plena crise económica. Outros projetos se unem aos iniciais, como a presença da AMU, Associação por um Mundo Unido, e, já em 2016, o projeto RAISE, de apoio à criação de emprego, e uma incubadora de empresas.

A casa das voluntárias tomou o nome da Constança, pela sua generosidade e empenho concreto por esta cidadela e que em 2014 partiu para o Céu.

São muitas as pessoas que todos os anos passam na cidadela e experimentam que a vida que nasce do Amor e torna presente Deus entre as pessoas é a luz que a humanidade anseia.

Mariápolis Arco-Íris.

Arco-Íris que muitas vezes colora o céu no Montejunto e nos recorda o milagre do Sol.

Mariápolis, presença tangível de Maria! ●

